

Reportagem Especial

MEDO NAS RUAS

Flanelinhas viciados em crack

Para conseguir dinheiro e assim sustentar o vício, eles vão para bairros nobres da Grande Vitória e ameaçam motoristas

Érica Vaz

A abordagem é agressiva: o dinheiro tem de ser dado na hora, sob pena de ser vítima de roubo. Para garantir a próxima pedra de crack, flanelinhas usuários de drogas atuam em bairros nobres da Grande Vitória, onde comerciantes e moradores sofrem com a extorsão.

Motoristas afirmam que esses guardadores de carros não trabalham durante o dia, nem são conhecidos na região. A ocupação ocorre principalmente à noite e nos finais de semana em ruas com grande concentração de bares e lojas e onde cada espaço para estacionar é muito disputado.

Em Vitória, a Praia do Canto concentra numa rua vários flanelinhas que fazem uso de drogas e exigem R\$ 5 para estacionar à noite, segundo moradores e lojistas.

“Eles são muito agressivos, vivem brigando e assustam os clientes. Também são responsáveis por furtos a bares e carros durante a madrugada”, disse o vigilante de um estabelecimento comercial na rua Joaquim Lírio, que preferiu não se identificar.

O mesmo problema foi identificado nos bairros Jardim da Penha, Jardim Camburi, Mata da Praia e Bairro República.

“Vejo eles sempre drogados, o que torna a situação ainda mais perigosa. Se negamos dinheiro, não sabemos como eles vão reagir”, desabafou um universitário de 25 anos que mora na Mata da Praia. No último dia 18, um flanelinha embriagado foi detido acusado de extorquir pelo menos cinco motoristas no bairro.

Em Vila Velha, é comum encontrar usuários vigiando carros à noite nos bairros Praia da Costa, Coqueiral de Itaparica e Itapoã, onde vários assaltos foram cometidos por esse tipo de flanelinha.

Eles não pouparam nem o subsecretário de Combate às Drogas do município, Francisco Veloso, que foi ameaçado por um deles quando estacionava o carro na Praia da Costa. “Como eu não quis dar o dinheiro que ele exigiu, o homem falou que ia marcar a placa do meu carro e ‘fazer acontecer’”, contou o subsecretário.

“Vejo eles sempre drogados. Se negamos dinheiro, não sabemos como eles vão reagir”

Universitário de 25 anos



Flanelinhas de “fora”

Desconhecidos dos moradores da região, muitos flanelinhas que atuam nas principais ruas da Praia do Canto, em Vitória, no período da noite, não costumam ser vistos no bairro durante o dia.

A reportagem de **A Tribuna** identificou flanelinhas que dizem viver na Serra e no centro de Vitória, mas a maioria contou não ter lugar definido para morar.



Tráfico age perto de bares

Com grande concentração de bares e jovens que querem curtir a noite, a rua Joaquim Lírio, na Praia do Canto, se tornou um ponto de concentração de flanelinhas, principalmente no período da noite.

A reportagem de **A Tribuna** esteve no local na última quarta-feira. No final da rua, próximo ao canal de Camburi, sete pessoas – incluindo 2 mulheres – se revezavam na atividade de vigiar carros.

Mas, às 20h30, um jovem de classe média alta se aproximou de um dos flanelinhas e comprou drogas, próximo ao seu carro.

A reportagem também presenciou quando dois flanelinhas saíram de um táxi e se esconderam rapidamente entre os carros.

Segundo o titular da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten), Diego Yamashita, a polícia já recebeu denúncias de tráfico próximo a bares e boates da região.

“Inclusive já fizemos operações e prisões no local. Mas quando os pegamos, eles estão com pouca droga e se passam por usuários. É uma venda de pequeno porte, para consumo das pessoas do entorno”, explicou o delegado.



FLANELINHA na Praia do Canto, em Vitória: tráfico próximo aos bares



CASOS

Preso após extorsão

Em um estacionamento em frente ao Parque Municipal Pedra da Cebola, no bairro Mata da Praia, Vitória, um flanelinha foi detido acusado de extorquir pelo menos cinco motoristas.

O caso aconteceu no dia 18. “Estacionei meu carro e ele veio para cima de mim, querendo dinheiro. Estava bêbado, mas dizia que cuidava dos carros. Eu disse que não havia necessidade de olhar meu carro, mas ele continuou insistindo”, contou um mecânico de 35 anos, vítima do flanelinha.

Pedras em motorista

Um técnico em enfermagem de 42 anos, que se recusou a dar dinheiro a um flanelinha, foi ameaçado de morte e agredido na Praia do Canto, em Vitória.

O caso aconteceu à noite, em julho, quando a vítima saía do trabalho. O técnico disse que ainda tentou negociar, mas foi surpreendido com xingamentos e pedradas. Ele foi atingido no pescoço.

Ameaças por dinheiro

No dia 17 de julho, um flanelinha foi preso em flagrante acusado de tentar extorquir uma mulher de 37 anos na rua Joaquim Lírio, na Praia do Canto, em Vitória. Ela saiu de um salão de beleza quando foi abordada pelo acusado, que passou a exigir dela o pagamento pelo “serviço” prestado por ele de vigiar o carro.

Como ela disse que não tinha dinheiro, o acusado a chamou de miserável e a ameaçou de morte.

Roubo em praça

Um flanelinha foi preso após assaltar um casal de namorados na Praça da Ciência, na Praia do Canto, em Vitória. Ele estava armado com uma faca e fugiu após roubar celular e dinheiro, mas acabou detido por dois rapazes que faziam exercícios no local e o perseguiram.

O caso aconteceu em março. Na delegacia, o acusado disse que é usuário de drogas.

FOTOS: FERNANDO RIBEIRO/AT

RODRIGO GAVINI - 16/05/2011

Reportagem Especial

FERNANDO RIBEIRO/AT

DEPOIMENTOS

MEDO NAS RUAS

Casal divide a rua e ganha R\$ 200 por dia

A confissão é feita sem constrangimento: “eu uso crack mesmo. Inclusive estava indo comprar uma pedra quando você chegou”, afirma o flanelinha de 37 anos estendendo a mão para mostrar à reportagem de **A Tribuna** suas moedas e notas, que contabilizam R\$ 10.

Junto há quatro anos com a mulher, de 42 anos, ele costuma ficar na rua Inácio Higino, na Praia da Costa, em Vila Velha. O casal é conhecido na região. “Temos a confiança do pessoal aqui. Nunca tive problema com ninguém, nunca fui tratada mal”, ressalta a mulher.

O mesmo não se pode dizer do parceiro. Ele conta que tem passagem pela polícia por tentativa de homicídio e já brigou com outro flanelinha. A confusão quase terminou em tragédia.

“A gente estava discutindo pelo

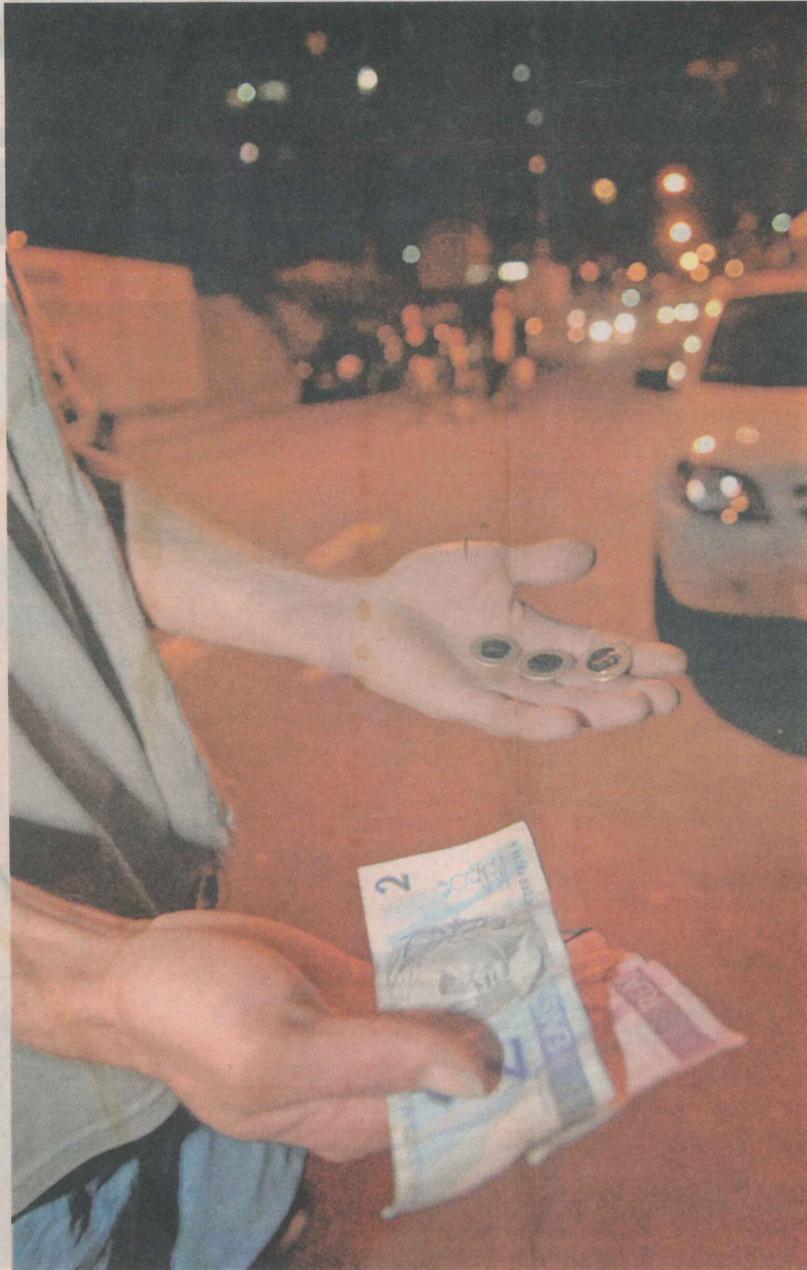
motivo de sempre: droga. Tem ‘nego’ que acha que eu tenho que dividir a pedra. Não divido não. Por causa disso, quase saí na faca com um outro homem”, contou.

O casal mora em um terreno baldio, que tem uma cerca de arame. O que não impede a invasão. “Se colocarem muros, como fizeram com outro terreno que a gente ficava, eu arranjo outro lugar para ficar”, disse o flanelinha.

Questionada sobre os ganhos com a atividade de vigiar carros, a mulher conta que em dias fracos, ela ganha – sozinha – no máximo R\$ 70 por dia. “Em uma noite boa, eu ganho R\$ 130”, disse. Juntos, a renda do casal pode ultrapassar R\$ 200 por dia, dependendo da movimentação dos bares que ficam no entorno.

Boa parte do dinheiro é usada para manter o vício em crack e em bebida alcoólica. Nesse ponto, a mulher se queixa do companheiro. “Ele gasta o dinheiro dele todo com droga e cachaça. Sou eu que compro comida para a gente. Se depender dele, a gente morre de fome”, desabafou a mulher.

Já o marido também desabafa: “Eu tinha emprego de carteira assinada na construção civil, casa montada. Mas depois que conheci essa mulher, perdi tudo”.



Flanelinha, 37 anos

“Fumo crack e não quero ser internada”

“Moro na rua há quatro anos, tenho duas filhas e um neto. Mas não volto para casa porque tenho vergonha da minha condição. Minha família e meus amigos passam pela rua para me visitar.

Sou usuária de drogas. Fumo crack e não tenho problema em assumir isso. Mas eu não quero ser internada, não me considero uma viciada, acho que não preciso disso. Mas acredito que a droga já está no meu sangue. Não sei explicar porque estou nessa vida”.

Mulher flanelinha, 42 anos

OS NÚMEROS

R\$ 130

É a renda da mulher numa noite

4 anos

Tempo que o casal está na rua

Brigas por drogas e pontos assustam moradores

Brigas na frente de bares motivadas por drogas e disputa por pontos de atuação se tornaram rotina em bairros nobres da Grande Vitória, tirando a sossego dos moradores e intimidando os frequentadores das regiões.

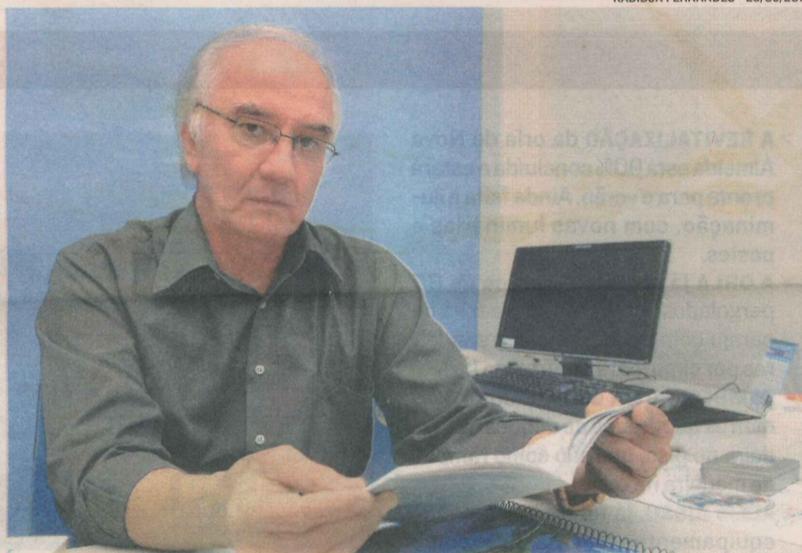
Para Sebastião de Paula, presidente da Associação de Moradores da Praia da Costa, em Vila Velha, na ausência de policiamento e de fiscalização da prefeitura, os flanelinhas agem com liberdade.

“O nosso bairro possui 46 mil moradores. Somente no shopping da região, passam por dia cerca de 32 mil pessoas. No entanto, o bairro conta com apenas 16 PMs. É muito pouco para conter os crimes”, contou.

Os problemas causados pelos usuários de drogas que atuam como flanelinhas durante a noite também é alvo de críticas dos lavadores de carros.

“Eles não trabalham de verdade. Estão no bairro para usar drogas e furtar carros e lojas. Considero como andarilhos, não flanelinhas. E eles não roubam apenas em bairros ricos, agem em qualquer lugar”, afirmou um lavador de carros, de 39 anos, que trabalha no bairro Praia do Canto, em Vitória, há mais de 10 anos.

Só este ano, um flanelinha foi assassinado e dois foram baleados na Praia da Canto por conflitos causados por disputa de ponto e tráfico de drogas.



KADIDJA FERNANDES - 25/03/2011

FRANCISCO VELOSO: “Não tem como a polícia fazer muita coisa”

Lei beneficia infratores

“A nossa legislação coloca esses flanelinhas nas ruas”. A afirmação é do coronel Ronalt Willian de Oliveira, chefe do Comando de Policiamento Ostensivo Metropolitano (CPOM).

Segundo ele, as abordagens aos infratores – incluindo flanelinhas acusados de crimes – estão aumentando a cada ano. Em 2010, a PM conduziu mais de 15 mil pessoas às delegacias. Esse ano, até o final de agosto, foram 13 mil.

“A PM faz a sua parte. Sempre

“Por força da nossa legislação, eles acabam voltando para os mesmos locais onde agiam”

Coronel Ronalt Willian de Oliveira

que solicitada, vai ao local e leva o infrator. Mas em pouco tempo ele está nas ruas de novo. Muitos são autuados como usuários de drogas e só assinam um termo circunstanciado. Por força da nossa legislação, esses acusados acabam voltando para os mesmos locais onde agiam”, disse.

Esse “prende e solta” acaba, inclusive, atrapalhando o trabalho da PM. “Mas vamos continuar com as abordagens para coibir qualquer ação criminal por parte deles”, disse.

Para o subsecretário de Combate às Drogas de Vila Velha, Francisco Veloso, não há lei que impeça o flanelinha de ficar nas ruas. “Tirá-los pela força fere o direito de ir e vir garantido pela Constituição. Não tem como a polícia fazer muita coisa, a não ser em casos de crimes em flagrante”, observou.

Prefeitura faz abordagem

As ruas mais frequentadas pelos usuários de drogas para trabalhar como flanelinhas já foram identificadas pelas prefeituras da Grande Vitória, que trabalham com abordagens e encaminhamentos para tratamentos contra o vício e outras oportunidades de trabalho.

De acordo com o secretário de Defesa Social de Vila Velha, Ledir Porto, as abordagens fazem parte do programa de enfrentamento às drogas.

“Sabemos do problema, principalmente na região de Itapoã e da Praia da Costa. Já fomos em algumas cracolândias e em breve vamos abordar os usuários nas ruas onde pedem dinheiro”, afirmou.

Em Vitória, a prefeitura também faz abordagens através da Secretaria de Trabalho e Geração de Renda. Segundo Otto Furtado, subsecretário de Controles Urbanos, os lavadores de carros das regiões citadas pela reportagem serão chamados para se cadastrar na prefeitura e terão direito a uma licença de trabalho, com identificação através de coletes e crachás.

“Porém, o combate ao crime nessa região é de responsabilidade da polícia”, ressaltou.

Em Cariacica e na Serra, as prefeituras informaram que não há denúncias de usuários de drogas que são flanelinhas e agem para comprar entorpecentes.

ANÁLISE

“É preciso apostar numa abordagem mais afetiva”

“A atuação desses usuários como flanelinha não é diferente da de outros viciados que também trabalham para sustentar o vício.

Porém, a abordagem deve ser diferente entre aqueles que apenas fazem uso da droga e aqueles que cometem crimes para usá-las.

Atualmente, existem bons programas de abordagem que estão sendo aplicados no País, com o foco de redução de danos entre os usuários.

O que não podemos fazer é apenas apostar na abordagem repres-

siva – que vem se mostrando ineficaz –, através das polícias. É preciso uma abordagem afetiva, que a comunidade do entorno tente criar uma outra relação com esses usuários, tentando entender o que se passa na vida deles e oferecendo ajuda.

É preciso que o governo aposte mais nas abordagens de redução de danos. A repressão pode até afastar os usuários por algum tempo, mas sem uma chance real de mudança, outros usuários virão para tomar aquele lugar”.

Nielson Vicentini, psicólogo

